

# O factor principal

30.11.85

por Carlos Cardoso, da AIM

«Todos devemos ter o sentido de que o principal é fazer a guerra contra o bandido armado». São palavras do membro do Bureau Político do Partido Frelimo, Marcelino dos Santos, no segundo encontro que teve com a delegação das organizações não-governamentais, dia 15, ao princípio da noite, depois da visita do dia anterior à Gorongosa.

Falando de improviso, após ter ouvido o que cada organização poderia fazer em termos de apoio à Gorongosa, Marcelino dos Santos afirmou que «você não podem dar armas

mostrar quem é o agente do crime, de mostrar que viram a cara do 'apartheid», afirmou, ao referir a impressionante miséria com que as pessoas fugidas do banditismo se apresentam nos centros de acomodação.

Equiparando o banditismo armado a um fenómeno de semi-animalidade, Marcelino dos Santos disse que a África do Sul «não parou de abastecer os bandidos armados». Ele informou que de Manica haviam chegado informações sobre o continuo abastecimento dos bandidos por aviões e helicópteros sul-africanos, à seme-

«Os bandidos armados foram liquidados na Casa Banana», disse Marcelino, para acrescentar que fora preciso lançar algumas operações na serra da Gorongosa a fim de «desalojar os bandidos de muitas cavernas».

«Em toda a volta foram realizadas acções e os bandidos dispersaram. Não acabaram e é por isso que temos problemas de energia». Dois dias antes, a Beira ficara de novo sem energia devido à sabotagem de postos na linha que abastece a cidade.

«É preciso perseguir os bandidos. Espalharam-se em muitos grupos. E um pequeno grupo pode atacar povoações e ir vivendo assim», disse.

Marcelino dos Santos frisou que «é a organização política e militar do povo é susceptível de eliminar esses grupos». E repetiu: «As populações só se poderão defender se tiverem armas».

O membro do Bureau Político do Partido Frelimo e dirigente de Sofala declarou que «há acções em toda a parte». A acção em Casa Banana foi acompanhada com a libertação de Inhaminga, Mwanza e Maringué e outras localidades ao longo da linha de caminho de ferro».

Acrescentou que «ocupámos o Chitengo», e que, agora, para fazer face aos pequenos grupos, «a guerra continua».

de utilizarem cascas de árvore para cobrirem apenas as partes mais íntimas do corpo.

«O trabalho a fazer é dar a esta população o sentido de si própria: cada acção visa dar ao cidadão o sentido de si próprio; entanto, que gente, levar essas populações ao trabalho e à possibilidade de falarem porque isso foi-lhes recusado enquanto estiveram com os bandidos armados. É preciso fazer sentir a essas populações que têm capacidade de iniciativa e de pensar».

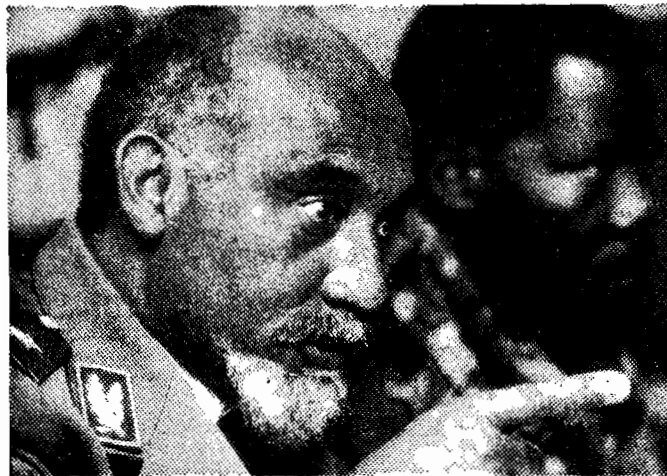
«Isto é o norte» da acção na região, disse Marcelino.

Já no fim do encontro, Marcelino dos Santos voltou ao tema central do processo.

«Vamos fazer a cobertura política e administrativa de todo o distrito. Neste processo vamos avançar com o desenvolvimento económico».

«Consolidar Gorongosa», frisou de novo Marcelino, «significa isto: ocupar política e administrativamente o distrito e continuar a desenvolver a guerra, abrir a linha de Sena, a estrada até Mwanza, etc. Não é uma acção isolada. Dar milho e outras coisas é parte desta acção global».

E o dirigente de Sofala apelaria ainda às diferentes organizações para «acordarem muita gente» quanto à



Marcelino dos Santos quando falava no segundo encontro com as delegações das organizações não-governamentais. (Foto AIM)

mas a vossa acção pode mover aqueles que podem dar armas». O sentido estratégico de todo o programa intersectorial actualmente em curso na Gorongosa era assim dada à delegação visitante em termos muito claros e directos.

Diversas vezes, ao longo da sua intervenção, o dirigente de Sofala repetiu que o factor principal é «fazer a guerra para acabar com a guerra», para que todo o processo de reconstrução não seja de novo destruído pelo banditismo armado.

Marcelino dos Santos pôs a questão também nestes termos: «O que é que os vossos povos vão dizer se os bandidos destruírem coisas que eles ajudaram a erguer?».

Todas as acções na Gorongosa se complementam mas, o factor principal, frisou Marcelino dos Santos, é fazer a guerra contra o banditismo.

«Vocês têm que ser capazes de

lançar do que está a acontecer no sul do País.

«O 'apartheid' pressionado por todos os lados recusa morrer», afirmou, para depois acrescentar que «as soluções menos duras só podem vir de uma acção contundente de sanções».

«O secretário da SADCC já disse: apliquem sanções. Nós já há muito tempo que oferecemos a empresas estrangeiras os nossos países como alternativa», disse o dirigente de Sofala, ao abordar as objecções postas por alguns países quanto à perda de interesses na RAS se aplicarem sanções.

Marcelino dos Santos falou da luta actual do povo sul-africano, classificando de «terramoto» aquilo que pode vir a acontecer na África do Sul.

A pedido de alguns membros da delegação, Marcelino dos Santos deu o ponto da situação militar no centro do País.



Elementos das Forças Armadas estacionadas na Gorongosa. (Foto AIM)

Marcelino dos Santos descreveu a miséria das populações fugidas do banditismo, referindo factos como o

realidade do banditismo, para fazerem sentir que «isso de casca de árvore é bandido armado, é 'apartheid'».